

GRADES E PORTÕES DE FERRO DO RECIFE

Em uma leitura da coleção do *Diário de Pernambuco*, no curso de pesquisas realizadas para a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pude reunir algumas informações acerca do uso de grades, sacadas e portões de ferro no Recife. Tive ainda a sorte de encontrar um portão de ferro com indicação da fundição onde fora feito, o que permite supor que vários outros, de modelo idêntico, tenham saído do mesmo lugar.

O uso de gradis e portões de ferro é relativamente recente: está naturalmente ligado à instalação, no Recife, das fundições de ferro, a mais antiga das quais e a mais importante, foi a Fundição d'Aurora, estabelecida em 1829. É evidente que antes dessa época houve aqui várias oficinas de ferreiros; parece mesmo que em Pernambuco foi que se estabeleceu, no começo do século XVII, segundo o *Livro da Razão do Estado do Brasil*, a primeira fundição de peças de artilharia, para cujo serviço foi nomeado em 1607 Domingos Rodrigues, "fundidor-mor do Brasil. Os holandeses mantiveram aqui diversas ferrarias. Ferreiro foi, no século XVIII, Roque de Barros Corrêa, referido em documentos de 1721 e outro do mesmo nome, João de Barros Corrêa (estabelecido com sua "tenda de ferreiro" desde, pelo menos, 1763 e falecido em 1815), ainda hoje lembrado na denominação da Avenida João de Barros por ter sido ele proprietário de um sítio no local onde depois levantou a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Mais tarde (1788) D. Tomás José de Melo fundou aqui uma ferraria.

O emprego das sacadas de ferro nas janelas das igrejas é do século XIX; anteriormente usavam-se peitoris de pedra ou de madeira. Deste tipo eram, por exemplo, as sacadas das janelas da matriz de Santo Antônio, substituídas por outras de ferro. Diz o termo da Mesa Regedora que em 21 de outubro de 1804 se decidiu "desmancharem-se as varandas velhas de pau que existem e fazerem-se outras, que nesse caso seria melhor mandarem-se vir de Lisboa, de ferro, por ser obra mais permanente e aformosear melhor o frontispício e também em razão de não tapar tanto a claridade da Igreja" (*Livro 1 de Termos* 1791-1837, fls. 101v/ 102). Assim se fez e de Lisboa vieram, sendo assentadas em agosto de 1805 (*Livro de Receita e Despesa*, 1791-1812, fls. 135 e 139). Mais tarde a Câmara Municipal do Recife passou a cobrar imposto sobre as casas que conservassem sacadas de madeira. Pela Lei Orçamentária dos municípios n. 1015, de 13. V. 1871 foi criado o imposto de 20\$000 "por casa de sobrado no Recife que conservar sacadas ou varandas de madeira", depois (1888) aumentado para 100\$000. Daí a razão de não se terem mantido no Recife os mucharabis, que fazem o encanto de certos trechos de rua em Olinda.

Os gradis e portões de ferro são inovações do mesmo século. O Recife que Henry Koster, L.F. de Tollenare e James Henderson conheceram, era um encanto para os olhos, pela vegetação que abundava nos arrabaldes. As sebes divisórias dos sítios eram geralmente de madeira ou das chamadas "cercas vivas", na sua maioria de "árvores de espinho", sobretudo de limoeiros.

Koster (que viveu em Pernambuco, com interrupções, de 1809 a cerca de 1820) descrevendo um dos seus primeiros passeios no Recife, conta que "uma manhã, a cavalo, com vários rapazes fui a um lugarejo dos arredores... Passamos a Boa Vista e seguimos por um apertado caminho arenoso... Dos lados estão as numerosas residências de verão dos abastados habitantes da cidade. São pequenas, asseadas e brancas casinhas de andar térreo, com jardins na porta e nos Bancos, plantadas de laranjeiras, limoeiros e romãzeiras... Poucas são cercadas parcialmente por muros baixos, mas a maioria é defendida por cerca de paus".

James Henderson (que visitou o Recife em 1819) abre um parêntese na sua cópia do livro

do Padre Casal, para referir que "o passeio do Recife a Ponte d'Uchôa, por diversas estradas, é igualmente delicioso, sendo elas em parte marginadas por sebes de limoeiros e por cercas feitas com as folhas dos coqueiros entremeadas de folhagens verdejantes... As estradas que partem da Boa Vista e convergem a meio caminho de Ponte d'Uchôa, são adornadas com algumas elegantes casas brancas, em bom estado exterior de conservação, os terrenos estando cercados de muros altos".

Os anúncios do jornal confirmam o depoimento dos viajantes. O *Diário de Pernambuco* de 17 de março de 1840 anunciava "uma casa de vivenda muito grande" para vender ou alugar, na estrada da Ponte d'Uchôa "toda envidraçada e cercada de limão"; o sítio do Toque, na Madalena, "com uma grande casa", era "todo cercado de limão" (*Diário* de 20.x.1846); um terceiro, na Capunga, "com grande casa de campo feita a moderna" também estava "todo cercado de limão" (*Diário* de 3.X.1851). Outro tipo era o sítio com um trecho murado (geralmente o da frente) e o mais cercado de limoeiro; tal um em São José do Manguinho "todo murado na frente e um dos lados e cerca de limão do outro" (*Diário* de 29.VITI.1844 e 15.VII.1853).

Na década de 1830 em diante começaram a surgir os portões de ferro; às vezes o portão abria-se na "cerca de limão", como o de "um belo e bem situado sítio no Poço da Panela (outrora de Mr. Stewart)". A referência ao portão "à moderna", vem no anúncio, significativamente antes da descrição da casa: o sítio "além de ter portão de ferro à moderna e ser cercado de limão e ter bastante terreno para plantação e recreio possui uma belíssima casa de campo no seu centro" (*Diário* de 1S.IX.1840). Outros anunciam o "portão de ferro na frente" como uma das excelências do sítio para alugar ou vender. O anúncio do "grande sítio em Benfica" com "casa de vivenda excelente" e frente para o rio Capibaribe, referia-se ao "portão de ferro" (*Diário* de 15.IV.1845); o da Soledade "com grande e decente casa de sobrado e sótão", mencionava nada menos de três portões: o sítio "está todo murado e engradado, com 2 elegantes portões de ferro com 4 colunas, em cima das quais descansam 4 magníficos leões, e no fundo outro portão" (*Diário* de 11.XI.1850); um sítio na Estrada de S. Ana, entre o que de melhor possuía, estava o seu "elegante portão de ferro para entrada" (*Diário* de 1.VII.1558).

Surge ainda "um portão de ferro feito na Inglaterra" que se anunciava para vender: "vende-se muito barato um portão de ferro feito na Inglaterra, próprio para qualquer sitio: quem o quiser comprar pode vê-lo no sítio denominado Cordeiro em S. Ana, que foi do finado comendador Antônio da Silva" (*Diário* de 20.m.1854). Outro anúncio acrescentava ser ele "um grande e fornido portão de ferro feito na Inglaterra" (*Diário* de 13.V.1854).

Alguns portões tinham chave; pessoa que perdeu uma, anunciou: "perdeu-se uma chave de portão de feito, da Capunga para o Recife" (*Diário* de 2.VII.1856).

De uns poucos gradis e portões de feito do Recife consegui saber onde foram feitos. No Colégio das Damas Cristãs, em Ponte d'Uchôa (Avenida Rui Barbosa 1426), lê-se em uma das colunas de feito que sustém o portão: "Fundição d'Aurora Pernambuco". Idênticos a estes são os da mesma Avenida n 471, 704, 1229 e 1535, o do gradil do Cemitério de Santo Amaro (a propósito do fabricante do portão e gradil deste, há confirmação no *Diário* de 12 e 24.VIII.1850) e o da demolida Igreja Anglicana da Rua da Aurora. Portanto, saíram todos eles da mesma fundição. Da mesma origem eram os "dois portões de ferro e duas colunas do mesmo metal" mandados fazer para o Lazareto do Pina (*Diário* de 3.1.1857). Nos anúncios da Fundição d'Aurora há menção a que o estabelecimento "tem chegado hoje a um estado de perfeição tal, que não é inferior aos melhores que existem em todo o Império" e se encarregava de fazer "ponte de ferro de todas as dimensões, gradarias, varandas, portões, colunas etc. (*Diário* de

13.m.1851). E noutro dizia: "Varandas e grades. um lindo e variado sortimento de modelos para varandas e grades de gosto moderníssimo: na Fundação da rua d'Aurora" (*Diano* de 25.N.1855).

A fundição de David W. Bowman, da rua do Brum, fez o portão da Casa de Detenção (*Diario* de 2.ill.1855). Obra de serralheiro particular foi o portão e grade de ferro da Igreja da Ordem II de São Francisco na rua do Imperador: é trabalho de Jerônimo José Bustorf (setembro de 1834) e custou 1:000\$000 (*Livro 5 de Despesas*, 1795-1835, fls. 268v); a que separa a Capela Dourada da nave da Igreja de S. Antônio do Convento dos Franciscanos, foi feita em setembro de 1842 por Domingos Rabelo da Luz (*Livro 6 de despesas*, 1835-53, fls. 31 e 36v).

Sacadas que possivelmente nunca viremos a saber quem as fez, por se tratar de prédios particulares, de que não se guardam documentos, são as do sobrado de azulejo da Rua Imperial n 804, verdadeira filigrana, e as do 12 andar do Regulador da Marinha da Rua Nova, as mais lindas que conheço; e os dois bonitos portões de ferro do sobrado onde me dizem funcionou o Colégio Pritaneu, à rua Barão de São Borja, 347.

Na década de 1870 começou a voga dos gradis de ferro cercando as praças públicas e os adros das igrejas, aqueles segundo o modelo do Largo do Rodo do Rio de Janeiro. O primeiro colocado (1872) foi o do Jardim da Praça Conde d'Eu (atual Maciel Pinheiro), com 800 palmos (176 metros), iniciativa dos moradores do bairro, à frente o vereador e médico Dr. Pedro de Ataíde Lobo Moscoso (*Diario* de 18 e 21.V.1872), seguido do Jardim do Campo das Princesas (como se chamava na época a atual Praça da República), este mandado fazer, juntamente com as estátuas de ferro que ainda ali se encontram, na Inglaterra, pelo Conselheiro João José de Oliveira Junqueira, presidente da província ("Fala com que abriu a Assembléia Legislativa Provincial", publicada no *Diario* de 13.ill.1872), inaugurado, ainda por acabar, em 20 de outubro de 1872 (*Diario* de 19 e 21.X.1872). As grades e estátuas de ferro feitas na Inglaterra foram apreciadas que a Mesa Regedora da Ordem de São Francisco do Recife fez vir dali as grades e quatro estátuas, também de ferro, para a escadaria de entrada do seu Hospital de Todos os Santos, na Rua do Imperador (*Livro de Atas*, 1868-77, fls.216).

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diario de Pernambuco**. Recife, 29 mai., 1955.